

Bancos vendem dívida latina

por Paulo Sotero
de Washington

Cerca de trinta bancos japoneses, que detêm um total de aproximadamente US\$ 40 bilhões (perto de 15%) da dívida externa da América Latina, começaram, nos próximos dias, a vender pequenas parcelas desses empréstimos para uma empresa que criaram especialmente para esse fim.

A empresa, que, segundo o jornal The New York Times, se chamará JBA (a sigla, em inglês, da Japanese Banking Association), não passará, na realidade, de uma companhia fantasma, sediada nas ilhas Cayman, e permitirá aos bancos japoneses diminuir ligeiramente seu risco na América Latina, obtendo, ao mesmo tempo, algumas vantagens fiscais no Japão.

O plano de operação da empresa prevê que ela compre, com um substancial deságio, alguns empréstimos que os bancos japoneses têm nos países em desenvolvimento. Esses empréstimos seriam, então, revendidos a investidores, normalmente grandes corporações industriais, interessados em ampliar suas operações nos países endividados.

Usando as regras da conversão de dívida em capital, o investidor revenderia ao governo do país o empréstimo comprado com deságio, recebendo, em moeda local, o equivalente ao seu valor nominal. Para o investidor, a vantagem é poder levantar capital local por um bom preço. Para o país, o lucro está na redução da dívida.

Para o banco credor, há dois aspectos positivos nesse tipo de transação. O primeiro, que se aplica aos bancos de qualquer país, é a redução de sua carteira de empréstimos problemáticos. O segundo está ligado especificamente aos regulamentos bancários e fiscais do Japão. Os bancos japoneses poderão deduzir de seu imposto de renda uma boa parte das perdas que assumirão ao vender os empréstimos com

(Continua na página 12)

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, recusou uma iniciativa do Banco Mundial, que pretendia enviar ao Brasil seu vice-presidente de operações, Ernest Stern, para trabalhar com as autoridades do País na preparação de um programa econômico.

(Ver página 12)

Bancos vendem dívida latina

por Paulo Sotero
de Washington

(Continuação da 1ª página)

desconto. Mas caberá ao Ministério da Fazenda, através de seu Centro de Finanças Internacionais, e não ao mercado, decidir a margem de desconto pelo qual o empréstimo poderá ser vendido.

Os bancos japoneses têm cerca de US\$ 12 bilhões dos US\$ 67 bilhões da dívida externa brasileira a credores privados. Fontes financeiras norte-americanas ouvidas por este jornal enfatizaram que a iniciativa japonesa tem uma dimensão bem menor do que a que foi sugerida pelas notícias publicadas na semana passada na imprensa norte-americana. "O que

eles estão fazendo é, na verdade, uma operação contábil destinada a levar algumas vantagens fiscais. Mas o negócio tem um escopo limitado. Eles não quiseram falar em números, mas indicaram que o total de empréstimos que pretendem vender é pequeno.

Meu palpite é que não chegará a US\$ 2 bilhões", disse uma fonte financeira norte-americana que esteve na semana passada em Tóquio para recolher informações sobre a operação. Os bancos japoneses têm um total de aproximadamente US\$ 62 bilhões em créditos aos países em desenvolvimento.

Outras fontes indicaram que o esquema dificilmente poderia ser usado para os

bancos americanos, principalmente se envolver o governo do país, como parece ser o caso no Japão. "O Congresso vetaria uma solução desse tipo, pois ela seria vista como operação destinada a resolver os problemas dos bancos com dinheiro público", previu um banqueiro.

Independentemente da possibilidade de a idéia poder ser usada nos EUA ela parece constituir o primeiro passo inovador dado por um grande país credor da América Latina. Idéias mais radicais, destinadas a separar a dívida velha e impagável, de novos créditos, já foram ventiladas no passado, mas não conseguiram grande audiência junto aos bancos ou aos governos.